

## **Jovens com idéia na cabeça e câmera na mão: Biopolítica e trabalho imaterial na produção audiovisual**

Alexandre Barbalho

*Usamos as linguagens vencedoras, aquelas que chegam até às pessoas.  
Não é por acaso que Hollywood vence. Esta é a sociedade da comunicação.  
Não podemos ignorar os códigos*

Luca Casarini  
(militante dos Centros Sociais do Nordeste italiano)

Um jovem se apresenta em uma tarde dominical e anuncia ao telespectador: está entrado no ar o *NoAr*, um programa que trata da cidade, da cultura, do conhecimento, da atenção, da pesquisa e da diversidade. Um “programa-oficina feito por jovens para mim e para você”.

O enunciado do jovem inquieta o telespectador que se remexe na poltrona. Afinal, segundo Deleuze (2000), a comunicação não seria distinta da criação em tempos de biopolítica e sociedade de controle? Então como ousar um *programa-oficina* na TV que trate de conhecimento, pesquisa, diversidade?

O que propomos é pensar essa possibilidade, acompanhando um pouco a experiência de jovens realizadores atuantes em Fortaleza na ONG Alpendre e a produção de suas criações audiovisuais.



Jovem apresentador de um dos quadros do NoAR

## **Biopolítica na lógica da sociedade de controle**

Em fins do século XVIII, como informa Foucault<sup>1</sup>, começa a se esboçar a biopolítica - tentativa do poder de se apoderar da vida em seu conjunto. Antes, nos séculos XVII e XVIII, a sociedade disciplinar tinha desenvolvido suas tecnologias e saberes que vigiam, hierarquizam, classificam, inspecionam, relatam, treinam e punem o homem-corpo – uma anátomo-política do corpo humano.

As novas tecnologias que compõem a biopolítica não descartam as técnicas disciplinares. Muito pelo contrario, vêm completá-las, usando-as como suporte para dar conta do corpo não mais individualizado no meio da população, mas da população como um só corpo, do homem e da mulher não como indivíduos, mas como espécie, como homem-espécie – uma biopolítica da espécie humana.

A biopolítica não se entretém tanto com a disciplina, mas com a regulamentação, com a tecnologia regulamentadora, previdenciária da vida, que faz viver e deixa morrer. O que liga as duas instâncias, o que transita entre a disciplina e a regulamentação, entre o corpo e a população, é a norma - poder horizontal e internalizado cuja força e efetividade estão, como aponta Olivier Devillaine<sup>2</sup>, em sua imanência. Na junção do poder disciplinar e do biopoder temos a sociedade normalizadora. Ou a sociedade do controle, como denominam alguns pensadores, entre o quais Gilles Deleuze<sup>3</sup>. Na sua avaliação, as sociedades contemporâneas se caracterizam cada vez mais por um controle contínuo e aberto, interminável, e não pelo confinamento das instituições disciplinares que estão em crise.

A lógica do confinamento é o molde, a do controle a modulação. A sociedade do controle é a da informação instantânea e permanente; da comunicação, cujo modelo maquínico é o cibernético, as máquinas de informática. Na sociedade de controle, os indivíduos possuem cifras e senhas, que podem garantir o acesso à informação, e não

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>2</sup> DEVILLAIN, Olivier. Norme. In: LECLERCQ, S. (org.). *Abécédaire de Michael Foucault*. Paris: Vrin, 2004, p. 123-125

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

palavras de ordem como na sociedade disciplinar. Os indivíduos se tornam *dividuais*, divisíveis, e as populações amostras de pesquisa, dados bancários.

Vivemos em um tempo cuja lógica maquínica hegemônica é a da informação e da comunicação. A questão é como pensar e agir de forma diferente aos modelos impostos pela sociedade de controle, utilizando-se de suas fissuras e brechas. Em conversa com Toni Negri, Deleuze afirmou que para ele e Guattari uma sociedade parecia se definir “menos por suas contradições que por suas linhas de fuga”<sup>4</sup>. Portanto, quais as linhas de fuga possíveis já que estamos todos no interior do Império?

Deleuze acreditava que talvez a fala estivesse apodrecida e que, de toda forma, a comunicação fosse distinta da criação. Que o importante era o *desvio da fala*, criar “vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle”.<sup>5</sup> Mas, não será possível uma outra linha de fuga além da não-comunicação? Um desvio da fala favorecendo uma contra-comunicação?



Jovem apresentador de um dos quadros do NoAR

### **Biopolítica, trabalho imaterial e afeto**

Na era da disciplina, o capital voltava-se para a produção, cujo tipo ideal era o fordismo. Daí a necessidade de normatizar os corpos trabalhadores, garantindo maior produtividade. No capitalismo contemporâneo, o foco desvia-se da produtividade e dirige-se para os serviços, para as ações das bolsas. Na definição de Deleuze, trata-se do

---

<sup>4</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000, p. 212.

<sup>5</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000, p. 212

*capitalismo de sobre-produção* da era pós-fordista onde a fábrica é superada pela empresa e o marketing torna-se instrumento de controle social.

Há no capitalismo contemporâneo a centralidade em torno do trabalho vivo, cada vez mais intelectualizado. Na empresa pós-fordista, cabe sempre mais ao trabalhador a necessidade de escolher entre alternativas e de assumir decisões, daí que o que deve ser organizado e comandado é a sua subjetividade. Como afirmam Lazzarato e Negri, “qualidade e quantidade do trabalho são reorganizados em torno de sua imaterialidade” e o trabalho do operário transforma-se “em trabalho de controle, de gestão da informação, de capacidades de decisão que pedem o investimento da subjetividade”<sup>6</sup>.

Se o trabalho imaterial, entendido como trabalho abstrato ligado à subjetividade, é facilmente visível nos setores de ponta da produção capitalista, não podemos correr o risco de vê-lo como atividade restrita a poucos operários qualificados atuantes em um *modelo comunicacional* plenamente constituído. Como observam os autores, o trabalho vivo imaterial é a “forma de atividade de cada sujeito produtivo na sociedade pós-industrial”<sup>7</sup>.

Todos se tornam produtivos, mesmo aqueles que não estão lidando dia-a-dia com o trabalho na empresa. Se a base da produção é o trabalho vivo, imaterial, este não se encerra apenas na produção, mas se encontra também na reprodução e no consumo. É o que Negri denomina de *devir-mulher do trabalho*, esta produção e reprodução gerais de subjetividade e de vida, pois “os processos de produção e de comunicação, os investimentos afetivos, os investimentos referentes à educação e à reprodução material dos cérebros estão prestes a se tornar cada vez mais essenciais”<sup>8</sup>.

Segundo Maurizio Lazzarato, o sociólogo francês Gabriel Tarde, em seu trabalho *La psychologie économique*, propõe o conceito de subjetividade como potência e afirma que o conhecimento é o afeto mais importante – afeto entendido como *potência de agir*, seguindo Spinoza. O que possui conseqüências econômicas, a ponto de Lazzarato propor, além da teoria das riquezas, o desenvolvimento de “uma teoria dos conhecimentos baseada na crença e uma teoria das paixões baseada no sentir, fazendo dos conhecimentos

---

<sup>6</sup> LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 25.

<sup>7</sup> LAZZARATO e NEGRI. 2001, p. 26

<sup>8</sup> NEGRI, Antonio. *Exílio: seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 30.

e das paixões forças econômicas que explicam a especificidade das economias modernas”<sup>9</sup>.

O conhecimento não se constitui da mesma maneira que as outras mercadorias. Estas valem por sua raridade e a sua produção e o seu consumo implicam alienação e despojamento. Já o conhecimento e o afeto baseiam-se na *emanação*, na *adição recíproca* em seu processo produtivo e de socialização. Suas fontes de valor são a invenção e a cooperação e não o sobre-trabalho e a utilidade.

Porém, sendo cada cérebro-corpo a fonte de valor da economia imaterial vigente, é também, para o trabalhador, a fonte de uma autoavaliação inédita na história do capitalismo. A partir desta tendência torna-se possível pensar na resistência desses corpos-inventores ao Império; na constituição de uma comunidade expansiva no exercício de seu trabalho imaterial, pois o poder imperial não pode ser imposto simplesmente de cima para baixo, pois trata com subjetividades singulares criadoras de sentido.

Esses corpos, essas subjetividades singulares juntas compõem a multidão (e não a massa ou o povo onde estão abolidas as diferenças). Temos aqui a positivação do conceito de biopolítica. Se em Foucault significa controle sobre a população, em Deleuze, Negri e outros o conceito passa a significar a força criadora da vida humana, a potência inventiva da multidão - um caldo biopolítico, o “magma material e imaterial, esse corpo-sem-órgãos que precede cada individuação e cada corpo, essa potência ontológica comum que, no entanto, tende para singularizações divergentes”, diz Pelbart<sup>10</sup>.

Essa dimensão positiva, produtiva de biopolítica, foi discutida longamente em *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari. Como situam Negri e Hardt, os pensadores franceses apontaram o paradoxo do biopoder: ao englobar todas as esferas da vida, perde a capacidade de mediar as diferentes forças sociais e propicia o surgimento de um novo meio (*milieu*) onde vigora a *máxima pluralidade* e a *incontornável singularização* – um

---

<sup>9</sup> LAZZARATO e NEGRI. 2001, p. 62.

<sup>10</sup> PELBART, Peter Pål. *Biopolítica e biopotência no coração do império*. In: GADELHA, S.; LINS, D. (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo?* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.251-260 - p. 258.

meio do evento: “As resistências deixam de ser marginais e tornam-se ativas no centro de uma sociedade que se abre em redes”<sup>11</sup>.

Estamos todos dentro do regime biopolítico do Império. Não há o fora e a política é pura imanência, tanto no seu aspecto negativo, de controle, quanto produtivo: de possibilidade de resistência criativa e de desejo por dentro do regime imperial; de constituir o tecido biopolítico de baixo para cima; de virtualidade entendida como “o conjunto de poderes para agir (ser, amar, transformar, criar) que reside na multidão”<sup>12</sup>.

O que é preciso é investigar, como propõem os autores, as possibilidades do virtual em tocar no real, em exercer pressão nas bordas do possível; como a criatividade e o afeto desenvolvidos pelo trabalho imaterial podem se transformar em poder constituinte, em poder expansivo.

### **Linhas de fuga: possibilidades**

Podemos pensar nos movimentos globalizados de oposição ao Império como os encontros do Fórum Social Mundial e os manifestos contra o G-8 em Gênova e Seattle<sup>13</sup>. Mas podemos pensar também nas múltiplas ações de criação, de imaginação, de desejo, enfim, de produção de subjetividade que atuam localmente e que, formal ou informalmente, articulam-se em rede. Ações que, independente da diversidade de formas e meios, se configuram como trabalho imaterial e, principalmente, como biopolíticas (em seu sentido produtivo).

Nesse contexto situa-se a atuação dos jovens reunidos em torno da ONG Alpendre, em Fortaleza, na produção do programa de audiovisual *NoAr*, veiculado na TV pública do estado do Ceará nas tardes de domingo. O *NoAr* tem uma hora de duração e é composto de vários curtas-metragem que exploram diversos gêneros: documentários, ficções, vídeo-clips etc. Há também um apresentador que vai conduzindo o telespectador durante o programa.

---

<sup>11</sup> HARDT; NEGRI. 2001, p. 44

<sup>12</sup> HARDT; NEGRI. 2001, p. 379

<sup>13</sup> Ver COCCO; HOPSTEIN, 2002.



Vinheta de abertura do NoAR produzida pelos jovens do projeto

O projeto *NoAr* se iniciou em 2003 e em sua primeira versão trabalhou com 45 jovens entre 16 e 24 anos, todos eles vindos do Poço da Draga<sup>14</sup>. Atualmente, ele está na sua terceira versão, tendo passado pelo projeto mais de 100 jovens.

Nos documentos elaborados pela instituição, o *NoAr* é entendido como um dos núcleos do Alpendre, um núcleo de formação nas áreas de vídeo e internet, cujo objetivo seria o de que “criar e desenvolver projetos que ajudem a formar um circuito de pesquisa, reflexão e produção artística na cidade, constituindo-se de forma a integrar adolescentes e jovens de comunidades em situação de risco”.

Na justificativa do projeto, observamos como os formuladores da proposta compreendem a sociedade contemporânea como uma sociedade pautada em grande parte pela informação e pela comunicação e apontam a necessidade premente de fortalecer os processos de singularização que escapem dos fluxos homogeneizantes da globalização.

Por outro lado, os coordenadores do *NoAr* defendem que é preciso combater a representação simplista dos jovens agrupados em torno de gangues. Nesta forma de sentimento gregário, segundo avaliam, “o espírito de participação e pertencimento dos jovens, bloqueado em suas formas afirmativas de vida, acabam por assumir uma linha reativa onde a violência funciona como catalisador no qual *eu* me afirmo a partir da anulação do *outro*”.

---

<sup>14</sup> O Poço da Draga é uma comunidade nas vizinhanças do Alpendre com mais de 60 anos de existência e situada à beira-mar, na região do antigo porto de Fortaleza. Segundo dados da Secretaria Estadual de Infra-estrutura, em 2001, o Poço da Draga era composto por 1071 moradores, sendo que 54,79% desta população são de jovens com até 25 anos e, entre os que já assumiam a manutenção da família, 59,74% recebiam até um salário mínimo. Tais perspectivas propiciam a delinqüência juvenil, como o consumo de drogas, tráfico e pequenos assaltos. Desde o início do Alpendre, os jovens da comunidade se envolveram com os projetos desenvolvidos pela ONG, como o TV de Rua em 2000 e o Circuito Contemporâneo de Artes Plásticas em 2001-2002.

Faz-se necessário, continua o documento, “afirmar o espaço público como lugar do partilhamento e da solidariedade”. E no caso específico do *NoAr*, é preciso “trabalhar os meios de comunicação a partir dos processos da arte e apostar na radicalidade destes processos como força de reinvenção de novas formas e linguagens, trazer a comunicação para o jogo da vida, como um processo aberto de experimentação”. Mais do que capacitar os jovens nas linguagens midiáticas, o que se propõe é que eles possam reinventá-las e não copiar os modelos, as gramáticas estabelecidas:

Tomar nas mãos as novas mídias não é só uma questão de tê-los ao alcance. Tomar algo para si é envolver-se, apropriar-se. E isso não se faz sem um processo de vivência e experimentação. Não basta promover o acesso aos meios, é preciso um processo continuado de formação e contra-informação para desmascarar os clichês do mundo da mídia e possibilitar outras formas de apropriação. Essa visão envolve, sobretudo, a (re)construção de projetos e sonhos apostando no resgate do potencial humano e criativo presente em cada um desses adolescentes, que buscam novas perspectivas de vida.

Durante o projeto, os jovens selecionados recebem uma formação variada, com disciplinas teóricas sobre filosofia, estética, comunicação, cultura e outras aplicadas à produção audiovisual como roteiro, direção, câmera, iluminação, edição, onde as lições são colocadas em prática na constituição de um programa-piloto do *NoAr*.

Todos os garotos e garotas participam das etapas de elaboração do vídeo, mas, ao longo do processo formativo, as singularidades se revelam e cada um vai, aos poucos, se especializando naquele trabalho que mais lhe satisfaz. Ao final, temos um coletivo de singularidades trabalhando, ou uma multidão, para usarmos o termo spinozista (*multitudo*) de Negri<sup>15</sup>.

Terminado o período de formação, para o qual recebem uma bolsa de estudos, os jovens podem se integrar na equipe permanente de produção do programa *NoAr*, que é veiculado aos domingos. Esta produção é conduzida totalmente pelos garotos e garotas, desde a discussão em torno dos temas a serem abordados nos vídeos passando pela elaboração do roteiro, produção, até a etapa da edição. Os organizadores do Alpendre só intervêm quando solicitados, o que acontece, geralmente, na fase de produção, diante de

---

<sup>15</sup> NEGRI, Antonio. *A anomalia selvagem: poder e potência em Spinoza*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

dificuldades operacionais ou de recursos financeiros. Vale observar que, no atual estágio do projeto, alguns dos professores das turmas iniciantes são ex-alunos.



Cenas de abertura do programa NoAR com imagens dos jovens gravando

Em outro momento, discuti como esse espaço de partilhamento e de solidariedade entre os jovens, defendido pelo Alpendre, propiciou que estes se agrupassem não em tribos ou gangues endógenas e xenófobas, mas criassem entre si uma comunidade de sentidos, de afetos, por meio de uma política de amizade, sinalizando para outras compreensões de política e de cidadania<sup>16</sup>.

Acrescentaria aqui que as criações midiáticas, resultado desta política de amizade, são “estratégias sensíveis no jogo da comunicação” no sentido que é dado ao termo por Muniz Sodré: “jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem”<sup>17</sup>. Ou seja, além de informação, o *NoAR* permite o reconhecimento entre subjetividades, não só entre os jovens que o produzem, mas, virtualmente, entre estes e aqueles que assistem ao programa.

Agora, gostaria de ensaiar uma compreensão do trabalho dos jovens no Alpendre na lógica do trabalho imaterial.

Primeiro, e de forma óbvia, pelo tipo de atividade desenvolvida, a produção audiovisual está totalmente inserida na economia pós-fordista do “capitalismo de sobreprodução”. Produção que requer a subjetividade, a criatividade e o afeto como matéria-prima.

O trabalho vivo dos jovens está na base deste “modelo comunicacional” de capitalismo. Trabalho este que não se encerra no espaço físico do Alpendre, nem no

---

<sup>16</sup> Ver BARBALHO, 2006.

<sup>17</sup>SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 10

tempo em que os jovens lá estão. Ele se estende pelo tempo restante do dia-a-dia destes garotos e garotas que passam, sistematicamente, a ver o mundo pela ótica de suas atividades. Mesmo porquê, vivendo em situação de vulnerabilidade social, sem melhores oportunidades de lazer e ensino formal, passam a ter como principal referência de assunto entre amigos, familiares e colegas, de escola e trabalho, as experiências vividas no Alpendre.

Outro aspecto fundamental é a forma cooperativada em que se dá o trabalho, onde tudo é discutido entre os participantes e todos têm a oportunidade de passar por cada uma das etapas da produção audiovisual.

Ao participar de forma ativa do processo comunicativo, os jovens tornam-se consumidores críticos dos sons e imagens ofertados em profusão no mercado informacional ao articularem produção e consumo por meio de seu trabalho.

Como observa Tiago Drummond<sup>18</sup> sobre sua experiência na produção audiovisual, não devemos desconhecer o poder do *capitalismo de sobre-produção* em absorver diretamente ou posteriormente o trabalho vivo, a criatividade, a invenção – o que requer, no caso específico de que tratamos, uma análise minuciosa do funcionamento das grandes corporações midiáticas, onde a economia política da comunicação e da cultura tem muito a contribuir.

Mas devemos ter sempre em mente a contínua tensão entre potência e poder, entre invenção e conservação, para perceber a constante criação de linhas de fuga às linhas de força hegemônicas dos dias de hoje.

Nessa perspectiva, o cérebro-corpo-inventor dos jovens produtores do *NoAr* não é só fonte de valor da economia material, mas também fonte de auto-valorção, e formam uma comunidade expansiva, constituinte, que resiste às formas da sociedade de controle, não por meio de vacúolos de não-comunicação, ou por falas apodrecidas, mas elaborando falas criativas, vivas.

---

<sup>18</sup>DRUMMOND, Thiago. *Trabalho e produção de subjetividade. Lugar Comum*, n. 19-20, Rio de Janeiro, 2004, pp. 107-124.

## Referências bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. *No ar da diferença: Mídia e cultura nas mãos da juventude. Comunicação e Informação*, Goiânia, v. 9, n.1, 2006, p. 8-15.

COCCO, G.; HOPSTEIN, G. *As multidões e o Império: entre globalização da guerra e universalização dos direitos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DEVILLAIN, Olivier. Norme. In: LECLERCQ, S. (org.). *Abécédaire de Michael Foucault*. Paris: Vrin, 2004. p. 123-125

DRUMMOND, Thiago. *Trabalho e produção de subjetividade. Lugar Comum*, n. 19-20, Rio de Janeiro, 2004, pp. 107-124.

FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARDT, M.; NEGRI, T. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. *Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde*. In: GALVÃO, A.; SILVA, G.; COCCO, G. (orgs.). *Capital cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 61-81.

\_\_\_\_\_; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEGRI, Antonio. *5 Lições sobre o Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *Exílio: seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. *A anomalia selvagem: poder e potência em Spinoza*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PELBART, Peter Pål. *Biopolítica e biopotência no coração do império*. In: GADELHA, S.; LINS, D. (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo?* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.251-260.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.